



TRABALHO DO SEGUNDO SEMESTRE DE 2014

WELLINGTON FONTES MENEZES

CICLO I

Turma de Quinta-feira – Noite

São Paulo, 06 de novembro de 2014.

**A ESCRAVIDÃO DO ÚTERO SOB A TUTELA DE DEUS:
O FEMININO, A SEXUALIDADE E A REPRESSÃO DO CORPO NA EUROPA
OITOCENTISTA A PARTIR DA OBRA DE “A RELIGIOSA” DE DENIS
DIDEROT**

Wellington Fontes Menezes¹

1. Introdução

Provavelmente uma das obras mais interessantes e polêmicas contra o conservadorismo repressor da Igreja Católica esteja situada no romance “A Religiosa”, do francês Denis Diderot², escrita em 1760 aos 47 anos de idade. O livro somente foi publicado após a morte do seu autor, em 1796. Nesta obra, Diderot procurou retratar a vida nos conventos franceses de meados do século XVIII e tecer fortíssimas críticas do modo de vida destas “instituições totais”, tal como mais tarde Erving Goffman iria apontar no século XX.

A mesma obra foi traduzida para o cinema por Jacques Rivette, em 1966, e causou enorme polêmica nos lugares que foi exibido sua película. A pressão da Igreja Católica fez com que políticos conservadores no governo do General De Gaulle e, conseqüentemente, causou suspensão na exibição na “libertária” França e somente dois anos depois foi liberada para o grande público. Coube ao Ministro da Cultura, André Malraux, convencer os produtores do Festival de Cannes a mostrar o filme que havia sido proibido por

¹ Ciclo I, turma das quintas-feiras, noite, novembro de 2014.

² Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor francês e grande organizador da chamada “Enciclopédia” (junto com D’alembert) ou “Dicionário racional das ciências, das artes e dos ofícios”.

“imoralidade”. No Brasil, o filme de Rivette foi exibido com cortes (GONÇALVES FILHO, 2010).

2. Moral e repressão na obra de Diderot

Consta que Diderot teve como base do seu romance a vida de pessoas reais, ou seja, a protagonista, Suzanne Simonin, a jovem freira de 20 anos, foi baseada em Margueritte Dalamarre, cujo pai confinou-a em um convento quando tinha três anos. Ainda consta que mesmo tendo apelado à Justiça contra seus votos forçados, em 1752, ela perdeu o processo e permaneceu enclausurada até a morte.

Ao contrário do que possa suscitar, a tanto a obra quanto o filme de Rivette, cercado de polêmicas na época, não é nada apelativo ou sensacionalista como defenderiam seus críticos, mas de uma sobriedade muito particular de quem quer fazer uma denúncia, mas sem exagerar na tonalidade das cores.

Em suma, a obra de Diderot e a sua tradução nas telas por Rivette retratam a vida da jovem Suzanne Simonin, uma garota cheia de vida e profundamente católica, crente em Deus, mas que não quer ser freira, pois se considera não ter vocação para tal intento. Todavia, a sua mãe, uma nobre já em decadência econômica, força sua filha a entrar para o convento de Longchamp. Logo no início, Suzanne fica aos cuidados de uma madre superior muito zelosa, Madre de Moni, porém a vida de Suzanne se transforma numa interna prisioneira. Para piorar a situação de Suzanne no interior do convento,

após a morte da Madre de Moni, logo, uma nova administração é posta em prática dentro do convento sob a tutela da nova madre superiora, a Madre Saint-Cristine, uma pessoa absolutamente fria e autoritária, o que aprofunda ainda mais Suzanne em sofrimento. Após conseguir fazer uma transferência de convento, vai parar no convento de Saint-Eutrope de Arpajon e conhece uma nova Madre Superiora que, desde o primeiro momento, busca conquistar o afeto de Suzanne.

Aqui chegamos a um ponto onde Diderot faz uma crítica frontal à repressão religiosa e uma análise do comportamento sexual feminino. Desta forma, diante da prisão do convento, o sexo “frágil” é capaz de tudo, daí a incitação ao lesbianismo promovido pela Madre Superiora que seduzia a meiga e angelical Suzanne. Surge daí a “tentação” operada pela uma lascívia do desejo erótico lesbico descrita por Diderot:

Convidava-me a beijar-lhe a testa, as faces, os olhos e a boca, e eu obedecia-lhe: não creio que houvesse mal nisto. Entretanto, o prazer aumentava, e, como eu não desejava outra coisa senão contribuir para a felicidade dela de forma tão inocente, continuava a beijar-lhe a testa, as faces, os olhos e a boca. A mão que tinha posta no meu joelho percorria-me a roupa, desde a ponta dos pés à cintura, pressionando-me aqui e ali. Murmurando, com a voz alterada e baixa, exortava-me a redobrar as carícias, e assim fiz. Por fim chegou um momento, não sei se de prazer se de dor, em que ficou pálida como a morte; os olhos fecharam-se, o corpo dela esticou-se com violência e os lábios fecharam-se de princípio, como que umedecidos por uma ligeira espuma; entreabriu logo a boca e pareceu-me que estava a morrer, pois soltou um grande suspiro. (DIDEROT, 1760/1975)

Recusando a afetividade libidinal da Madre Superior, Suzanne busca orientação ao Padre Lemoine, que opera como um grande interventor que castra qualquer “anormalidade” das freiras que passam a se confessar com ele. Movida a um sentimento de culpa e angústia, ao se confessar com Lemoine, Suzanne recebe o alerta do padre sob a tutela do confessor: “Quem é

contrário à natureza, cai na loucura”. Aqui o Padre Lemoine condena qualquer forma de carinho e aproximação das mulheres entre si, mais particularmente, as investidas da Madre Superiora em cima de Suzanne, que por sua vez, se encontra atordoada e culpada por toda a situação de desejo e pecado. Ainda o Padre Lemoine faz um alerta à Suzanne: “Quem não tem vocação, morre antes ou se adapta com alguma esperança”. Aqui, a clara alusão que não existe outro caminho a não ser as palavras de Deus, recusando-as o destino é a morte, aceitando-as sem resistência terá algum alento de esperança para o futuro.

Com os conselhos castradores de Padre Lemoine, Suzanne segue sua recomendação de fugir literalmente da Madre Superiora como se “foge do Diabo”. Ademais, o Padre Lemoine suscita que a Madre Superiora seria o próprio Diabo à circundar à jovem Suzanne. Diante das recusas de uma atormentada Suzanne, a Madre Superiora paulatinamente adocece e cai na loucura, vindo a falecer posteriormente de forma agonizante e impiedosa. Na tradução literal do que poderíamos alegoricamente entender que aqueles que recusam a “natureza” da vida caem na loucura e morte. Aqui, podemos compreender também o poder censor e repressor do Superego representado pelo Padre Lemoine como um elemento “para além do convento”, transformado em clausura, punição e morte de todos aqueles que não respeitassem as palavras de Deus e “transgredissem” seus ensinamentos. Sintomaticamente, dentro do convento tangido pela fé divina, os corpos não poderiam obedecer aos seus instintos libidinais sexuais mais simples que não fossem punidos pelo poder coercitivo divino. Desta forma também, Diderot transcreve uma França

oitocentista representada nos conventos onde se organizava uma moral sexual onde toda paixão exacerbada (tal como ocorreu por parte da Madre Superiora com relação à Suzanne) e todo desejo irrefreável podem ser entendidos como uma anomalia fisiológica e passível de punição. A Madre Superiora de Arpajon cai na loucura do desejo interdito de uma pessoa sem vocação para Deus, uma vez que a repressão de sua sexualidade tornou-a uma pessoa desprovida de forças para continuar seu trabalho perante as obras do Criador.

Neste universo lacrado de resistências, repressão e recalque, a morte da Madre Superiora de Arpajon seria o castigo da Divina Providência e a libertação do fardo de não possuir vocação para a congregação à Deus e a repressão dos seus desejos mais primitivos. Aqui, mais uma vez, temos a crítica de Diderot para ações dogmáticas e doutrinárias das instituições religiosas que encarceram aqueles que não têm a mínima vocação para a religião e perpetuam regras morais que vão contrárias as bases biológicas da natureza humana.

3. Recalque e repressão: uma brevíssima digressão

A investigação psicanalítica se fez presente no que tange a repressão e o recalque dos personagens imersos nos conventos tratados por Diderot que funcionam como “fábricas” castradoras de libido, desejo e quaisquer outros sortilégios que não esteja na esfera da “pulsão religiosa” em Deus. A repressão (*Unterdrücking*) e o recalque (*Verdrängung*) são dois termos psicanalíticos que merece um pouco de atenção quanto aos seus significados perante a obra de Sigmund Freud, por sinal, ainda causa certo debate entre pesquisadores e psicanalistas, em particular, as polêmicas envolvendo as traduções do original

de Freud para a Língua Portuguesa (PAIVA, 2011). Ora os termos se convertem numa única representatividade, ora se distinguem com alguma essência diversificada de referencial. Ambos são conceitos do mecanismo de defesa do aparelho psíquico e, isto, é o ponto pacífico e a partir daí teríamos as suas implicações próprias. O termo “recalque” é mais utilizado na escola psicanalítica francesa quanto o termo “repressão” é mais usado na escola psicanalítica inglesa. Aqui adotaremos o a distinção entre “repressão”³, como sendo originário do exterior à pessoa (ou seja, “o que vem de fora”, como por exemplo, a repressão moral, a repressão policial) e o “recalque” como um processo interno, cuja função é gerar um contra-investimento para manter o material recalcado no inconsciente⁴.

O dicionário Laplanche e Pontalis (2001, p. 430-433), indica dois sentidos para o termo “recalque”. Um seria um “sentido próprio”, uma operação pela qual a pessoa procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens e recordações) ligadas a uma pulsão. Logo, o recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências. O outro seria um “sentido mais vago”, tomado numa acepção que o aproxima de “defesa”. Ademais, a operação do recalque teria um triplo registro da metapsicologia: tópico (a

³ O termo “repressão” pode significar “reprimir, esmagar, oprimir, impedir de se manifestar” e também pode significar “reprimir sentimentos, refrear”. Conforme HANS (1996), identifica-se na conotação da palavra que a repressão no sujeito é estabelecida a partir de movimentos psíquicos conscientes, como autocontrole e força de vontade.

⁴ A importância da repressão para o estudo da psicanálise é comentado pelo próprio Freud ao afirmar que: “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e, todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar empreender a análise de um neurótico sem recorrer à hipnose.” (FREUD, 1914/1996).

primeira tópica, Freud classificaria o recalque como “censura” e na segunda tópica um mecanismo de defesa do ego), econômico (funcionando como um mecanismo de investimento, desinvestimento e contra-investimento) e dinâmico (ligado aos mecanismos de prazer/desprazer). Já o termo “repressão”, devido à algumas traduções errôneas em certos textos brasileiros e franceses, é dito como um equivalente errado de recalque (*Verdrängung*) segundo o dicionário Laplanche e Pontalis (2001, p. 457), o que seria, portanto, em “sentido amplo”, uma operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno (pensamento, ideia, afeto). Para este sentido, o “recalque” seria uma modalidade especial de repressão. Sintetizando nas palavras de Freud (1915/1996, p. 152), “a essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do inconsciente, mantendo-a a distância”.

Segundo a análise de Freud, o recalque não seria um mecanismo defensivo presente desde o início, logo, ele só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente (neste sentido, o recalque só está presente a partir da divisão entre sistema consciente/pré-consciente e sistema inconsciente). Desse modo, antes da organização mental alcançar essa fase a tarefa de rechaçar/reprimir os impulsos pulsionais cabia à outras vicissitudes, as quais as pulsões podem estar sujeitas. Temos que Bergeret (2006) define o recalque como um processo ativo, destinado a conservar fora da consciência as representações inaceitáveis. Sendo assim, distinguimos possíveis três níveis nos quais esse mecanismo ocorre: o recalque primário, recalque secundário (ou

recalcamento propriamente dito) e retorno do recalcado (BERGERET, 2006; FREUD, 1915/1996).

É importante observar que Freud descreve que o processo de recalcamento é altamente individual (cada derivado isolado do reprimido pode ter sua própria vicissitude especial, e um pouco mais ou um pouco menos de distorção altera completamente o resultado) em seu funcionamento e extremamente móbil. O recalque não é um fato que acontece uma vez ou um processo pontual, produzindo resultados permanentes. Por sua vez, ele exige um dispêndio persistente de força, e se esta viesse a cessar, o êxito do recalque correria perigo, tornando necessário um novo ato de recalque. Ocorreria então uma dinâmica psíquica considerável, uma vez que o recalcado exerce uma pressão contínua em direção ao consciente, exigindo uma contrapressão incessante.

4. As personagens reprimidas de Diderot

Em “A Religiosa”, é possível notar ainda uma tríade amorosa-repressora entre Suzanne, a Madre Superiora de Arpajon e Irmã Teresa. Esta última se vê renegada pela Madre Superiora a partir do momento que Suzanne adentra ao convento. Cria-se então um mal-estar entre as três personagens que gradativamente se torna mais evidente e aberto. Irmã Teresa parece ser mais devota aos seus desejos pela Madre Superiora do que as Escrituras Sagradas, e, neste sentido, podemos vê-la muito com muito menos recalque e mais tangida à repressão do que Suzanne. Desta forma, assim como Irmã Teresa, a

Madre Superiora tem um sentimento menos preso ao recalque do que a repressão propriamente dita pelo aparelhamento instrumental do convento. Logo, ao contrário de Suzanne, Irmã Teresa e a Madre Superiora assumem o desejo pulsional, mesmo diante da repressão do que representa o convento. Por outro lado, ao não assumir nenhum desejo, recalçando, aparece sempre no seu retorno recalçado ao longo de sua peregrinação nos conventos (as investidas sexuais perante seu corpo como objeto de prazer alheio ou de repulsa daqueles que a condenam pela falta de vocação). Notadamente, é Suzanne que oferece muito mais resistência e construção mais complexa do recalque, lembrando ainda seu desgosto de estar presa à uma falsa vocação alheia a sua vontade (a forclusão do desejo). Neste contexto, para Suzanne o recalque é além de ser libidinal é também existencial no sentido de significado de horizonte de vida.

A incidência da “fuga” contra as investidas da Madre Superiora, as longas penitências de sermões ao pé do altar, a angústia de recalcar desejos e aflições de estar num ambiente alheio a sua vontade transforma a personagem de Suzanne num exemplo muito pertinente dos conceitos emitidos de “recalque” e “repressão”. O convento como “instituição total”, ou seja, uma totalidade agonizante que faz a jovem Suzanne sentir-se num calvário (uma prisão física e moral), cujos poucos momentos de alegrias se confrontam diante das investidas libidinais de sua Madre Superiora e a impossibilidade de liberdade, ainda para complementar, recebe a hostilização de Irmã Teresa por quem é apaixonada pela Madre. Os sentimentos de desejo são recalçados e

em troca deles, a penitência laboriosa dos infinitos sermões originalmente receitados por Padre Lemoine.

A angústia de Suzanne, ao longo do romance de Diderot, não tem fim. Desde o difícil convívio com as freiras históricas do convento de Longchamp (que a negaram sua convivência pela falta de vocação de Suzanne) ao convento libertino da Madre Superiora de Arpajon. O desejo de liberdade por parte de Suzanne é maior que quaisquer outros desejos recalçados. Do decorrer de uma série de angústias, Suzanne encontra um novo padre confessor (que substitui Padre Lemoine), tal como Suzanne, igualmente sem vocação a qual foge com ele para viver finalmente livre. Todavia, o que poderia ser um novo tempo para sua vida, descobre que o mundo real poderá ser mais pesado que as angústias dentro do convento. Ela é atacada pelo agora ex-padre que anteriormente apoiou, foge de suas investidas e vai viver nas agruras das ruas, sem encontrar espaço de sociabilidade até sobreviver como pedinte. Em seguida, é amparada por uma cafetina que a leva para trabalhar numa casa da luxúria mundana. Às portas da prostituição, ela comete suicídio. Com o trágico destino de Suzanne, toda a vida de repressão e recalque culminou na ruptura brusca da existência em circunstâncias dramáticas: de freira sem vocação a uma (quase) cortesã igualmente sem nenhuma vocação. Logo, temos os opostos que tragicamente se encontram no limite da repressão e recalque da pulsão sem conhecer nenhuma centelha de liberdade ou pulsão de vida.

Aqui, todo o movimento libidinal das personagens femininas é transformado em pulsão de morte. Portanto, a suposta falta de vocação para o

exercício do celibato e o trabalho perante as obras de Deus seriam operadas pela pulsão de morte. A liberdade tão desejada por Suzanne se tornou refém do seu desamparo e desapego perante a vida e perante seu próprio desejo não inscrito.

Na obra de Diderot, o desejo se torna o próprio martírio. Prazer e liberdade são elementos pesados e insolúveis numa atmosfera marcada pelo moralismo das instituições, o aprisionamento dos corpos (físico e simbólico) e o fardo pesado da atuação religiosa. As instituições totais são contrárias à natureza, assim como a “ingenuidade” de Suzanne também é contrária a natureza. Ambos criam um percurso de desvio da natureza corrente, ora pela força, ora pelo recalque (ou até mesmo a sublimação representada pelo “desejo de liberdade”).

A repressão e o recalque são forças pulsionais que norteiam este modelo de coexistência social descritas por Diderot, principalmente, no que tange as instituições totais, ou seja, lugares de grande aprisionamento de almas, corpos e corações. Suzanne foi alvo de todas as investidas e “pecados” que poderiam ser traduzidos na Europa oitocentista e o que tange à precariedade da condição da mulher, diante de uma cultura essencialmente machista e autoritária que fragiliza, humilha, reprime e castiga toda forma de expressão feminina dentro da sociedade da época.

5. Referências bibliográficas.

BERGERET, Jean. O problema das defesas. In: Bergeret, J. ..[et al.]. **Psicopatologia: teoria e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. (1914). A história do Movimento Psicanalítico. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. (1915). A repressão. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DIDEROT, Denis (1960). **A religiosa**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

GONÇALVES FILHO, Antônio. "A Religiosa, a via-crúcis do filósofo". **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 30 jan. 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,a-religiosa-a-via-crucis-do-filosofo,504126> Acesso em: 15 out. 2014.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HANNS, Luiz. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. São Paulo: Imago, 1996.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. Recalque e repressão: uma discussão teórica ilustrada por um filme. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 229-241, dez. 2011. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/download/10712/9554 Acesso em 15 out. 2014

RIVETTE, Jacques. **A Religiosa**/La Religieuse, ou Suzanne Simonin, la Religieuse de Denis Diderot [filme-DVD]. Produção Rome-Paris Films, direção de Jacques Rivette. França, 1966. 1 DVD, 135min, color, som.